

# EL CHACO: ABORDAGEM DA GUERRA PARAGUAY-BRASIL PELA ÓTICA PARAGUAIA

Rangel Schweiger

## INTRODUÇÃO

*"Iluminados pela aurora magnífica percebíamos, aos nossos pés, os nossos soldados correndo pelo campo, para o local do combate; mais longe, os índios Terena e Guaicurus, que depois de se haverem comportado nesta refrega como bravos auxiliares, carregavam agora aos ombros os despojos dos cavalos tomados aos paraguaios". Paulo Humberto Porto Borges<sup>1</sup>*

O presente trabalho propõe uma abordagem da guerra Paraguay – Brasil pela ótica do povo paraguaio. Apesar da grande maioria das pessoas já perceber que a Guerra do Paraguai (1864-1870) não foi uma disputa de mocinhos e bandidos, pouca coisa foi escrita sobre esse importante acontecimento, que normalmente é estudado de forma superficial. Para compreendermos esse conflito, é necessário entender o conjunto de interesses envolvidos, superando o maniqueísmo que envolve a relação do Brasil com o Paraguai e aprofundar o entendimento sobre o papel do imperialismo inglês.

Sem dúvida a mais longa, e mais destrutiva das guerras que assolaram a América do Sul no século XIX foi a Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança ou a Guerra de 70, como é conhecida no Paraguai, começou com a declaração de guerra pelo Paraguai em primeiro lugar ao Brasil e depois à Argentina, seguida por uma invasão aos territórios desses dois países, e acabou por se tornar uma guerra travada entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Durou seis anos (de outubro/novembro de 1864 a março de 1870) e consumiu cerca de 300 mil vidas<sup>2</sup> (embora, à luz da pesquisa moderna, o número de 200 mil ou até 150 mil vidas possa ser considerado uma estimativa mais razoável). Além disso, a

---

<sup>1</sup> Historiador, fotógrafo, doutorando da Faculdade de Educação da UNICAMP e membro do Grupo Memória/FE. Há nove anos desenvolve trabalho de escolarização e formação política junto a povos indígenas do Brasil, em especial com o povo Guarani dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Cf. MARQUES, Maria Eduarda de C. M., p. 20.

guerra teve um impacto profundo sobre os assuntos econômicos, sociais e políticos de todos os quatro países nela envolvidos.

## **1. PRELIMINARES**

Ainda hoje, cento e trinta e dois anos depois do principal conflito envolvendo países latino-americanos, a Guerra do Paraguai apresenta diferentes interpretações e questionamentos.

As conseqüências do pós-guerra foram drásticas ao Paraguai, devido ao mortício ocasionado pelo conflito, cerca de 75% da população masculina (entre crianças, jovens e adultos) desapareceram e o país exauriu-se econômica, social e politicamente. O governo paraguaio abriu mão de extensas propriedades rurais que foram prontamente adquiridas por especuladores argentinos, ingleses e norte-americanos<sup>3</sup>, ocasionando a expulsão de milhares de pequenos agricultores, inclusive diversos aldeamentos Guarani.

## **2. A QUESTÃO INDÍGENA DA GUERRA**

Apesar da violência e a importância deste acontecimento para a historiografia latino-americana, pouco se sabe do impacto desta guerra junto as populações indígenas envolvidas no conflito, como os Terena e os Kadiwéu do Mato Grosso do Sul e parte dos chamados Guarani "paraguaios", que se viram forçados a lutarem por seus respectivos governos nacionais. Assim como em relação às diversas comunidades indígenas Guarani do Paraguai que, mesmo não pertencendo ao exército de Solano Lopez, foram alcançadas nos recônditos na floresta paraguaia pelas conseqüências da Grande Guerra<sup>4</sup>.

Para estas comunidades, que até então haviam logrado manter-se relativamente a salvo da sociedade não-índia - refugiados nas selvas do Paraguai e da Argentina - a Guerra do

---

<sup>3</sup> BENITEZ, J. Apolonio. *Testimonios Nodestinos*. Imprenta Salesiana, 1991, Asunción. p. 147

<sup>4</sup> GONZÁLEZ, Natalicio: *Proceso y formación de la cultura Paraguaya*, Asunción: Instituto Colorado de Cultura, 1976. p. 40-52

Paraguai terminou por desempenhar um triste papel civilizatório ao atravessar, ocupar e destruir o último nicho tradicional de diversos grupos Guaraní. Abrindo caminho para a total desintrusão destas terras em favor do grande capital.

"Durante las centurias de la colonia española y hasta la guerra del 70 esas vastas regiones eram paraguayas más por designación nominal que por ocupación real; después de la guerra del 70, los dueños del territorio, con sus inmensos montes y yerbales, eran unas pocas compañías extranjeras que implantaron un régimen feudal de un Estado dentro del Estado". (GONZALES, p. 30)

De forma que, em 1870, existiam duas realidades indígenas distintas em relação a Guerra do Paraguai, o indígena combatente aliciado pelo estado, como os povos Terena, Kadiwéu e Guaraní, e o indígena alcançado pela guerra de 70, como no caso de diversos grupos indígenas localizadas no interior do Paraguai. Todos atingidos e transformados por esta mesma guerra, mas de maneiras absolutamente distintas.

É necessário ouvir e registrar algumas vozes que ainda não foram ouvidas pela historiografia oficial a respeito deste conflito, vozes que permanecem audíveis apenas na tradição oral e no imaginário de seus respectivos grupos. Como no relato do professor Guaraní Pedro Mirim explicando o ‘por quê’ de sua família ter sobrevivido a guerra:

"Ymã xeraryi oexa raka'e jurua guery joguero'a jave. Jogue raa ma taperupi vy oexa ma jurua kuery ou ma ramo onhemi okuapy ita kupepy. Kyringue'i onhemi hapy naxeí ramo rivema jurua kuery mbojuká pai".<sup>5</sup> (GONZALES, p. 32)

Os indígenas – quase a totalidade do exército paraguaio de Solano Lopez era formado por soldados guarani – passados cento e trinta e dois anos do fim da Guerra do Paraguai continuam aguardando seu lugar reconhecimento pela historiografia oficial não-índia.

---

<sup>5</sup> Cf. N.T: *"Minha avó contava o que ela passou na época da guerra com a minha mãe. Ela contou que, quando fugiam dos soldados, existia apenas um caminho estreito na região de Bella Vista, por onde eles iam para se esconder da guerra. Eles se escondiam debaixo das pedras. Certa vez, quando passava uma tropa, a nossa sorte foi que o nenê não chorou, senão todos teriam sido mortos. Esconder-nos, foi o que deixou nossa família viva até o final da guerra"*.

### 3. O PONTO DE VISTA PARAGUAIO SOBRE A GUERRA

A Guerra do Paraguai tem suas raízes, sob certo ponto de vista, nas lutas entre Espanha e Portugal, nos séculos XVII e XVIII, e entre as então recém-independentes Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina); e, mais especificamente ainda, entre a província de Buenos Aires, e, primeiro, Portugal, e depois, o recém-independente Império do Brasil, nas segunda e terceira décadas do século XIX pelo controle da chamada “Banda Oriental” (ou Lado Oriental) do Rio da Prata. Esse conflito havia sido, no entanto, amplamente resolvido, muito antes dos eventos que levaram diretamente à deflagração da Guerra do Paraguai. Em 1828, após a mediação britânica, tinha sido criada a República Independente do Uruguai, estabelecida como um estado “pára-choque” (ou intermediador) entre a Argentina e o Brasil.

O Paraguai, uma província de fronteira do Vice-Reinado do Rio da Prata, havia conseguido separar-se tanto da Espanha como de Buenos Aires, em 1811-1813. O país já era e permanecia sendo não apenas geograficamente isolado (até a derrota da Bolívia na Guerra do Pacífico, no final do século, o Paraguai era o único Estado latino-americano cercado por terra), uma nação que falava predominantemente a língua guarani, como era também um país culturalmente isolado. Sob a ditadura do doutor José Gaspar Rodríguez de Francia (1813-1840) e, em menor proporção (pelo menos até a década de 1850), sob a ditadura do seu sucessor, Carlos Antonio López, o Paraguai tinha se isolado política e economicamente de seus vizinhos. Seu papel fora bem pouco significativo nas guerras civil e interestados do Rio da Prata durante a primeira metade do século XIX.

O Brasil fracassou nas tentativas de resolver as diferenças com o governo uruguaio, e, em 4 de agosto de 1864, expediu um *ultimatum* ao Uruguai, com ameaças de retaliação em resposta a pretensas ofensas sofridas por súditos brasileiros, López enviou um ultimato ao Brasil, em 30 de agosto, contra qualquer intervenção no Uruguai. Quando o aviso foi ignorado

e as tropas brasileiras invadiram o Uruguai, em 16 de outubro, López tomou a fatídica decisão de declarar guerra ao Brasil, capturando o navio *Marquês de Olinda*, que rumava para o Mato Grosso, através do rio Paraguai e, em dezembro de 1864, invadiu esta província brasileira. A Argentina recusou permissão para que o Exército paraguaio atravessasse o território das Misiones – motivo de tantas contendas e altamente despovoado – e invadissem o Rio Grande do Sul e, em última análise, o Uruguai. López declarou guerra também à Argentina e, em abril de 1865, invadiu a província argentina de Corrientes.

Assim, Francisco Solano López iniciou o que veio a se tornar a Guerra do Paraguai. Até que ponto suas ações foram racionais, provocadas pelo Brasil e pela Argentina, essencialmente em defesa de interesses nacionais ameaçados (talvez mesmo em defesa da sobrevivência do seu país); ou irracionais, agressivas e expansionistas, tendo a intervenção brasileira no Uruguai servido de pretexto ou de oportunidade para que uma personalidade megalomaniaca realizasse o sonho de construir um império. Mas, qualquer que tenha sido o pensamento inspirador das ações, qualquer que tenha sido a sua motivação, a decisão de López de declarar guerra primeiro ao Brasil e depois à Argentina, e de invadir os territórios dos dois países, constituiu um erro gravíssimo de cálculo, erro que traria consequências trágicas para o povo paraguaio. Na pior das hipóteses, López lançou-se em um jogo arriscado – e perdeu.

“Ele superestimou o poder econômico e militar do Paraguai. Ele subestimou o potencial (sem considerar o efetivamente existente) do poder militar brasileiro – e a disposição para a luta do Brasil. Enganou-se ao imaginar que a Argentina ficaria neutra numa guerra entre Paraguai e Brasil”. (MARQUES, p. 61)

Dessa forma, as imprudentes ações de López trouxeram à tona exatamente a coisa que mais ameaçava a segurança e até mesmo a existência de seu país, uma união entre os dois vizinhos poderosos – na verdade, uma união dos três vizinhos – em uma guerra contra ele. Nem o Brasil nem a Argentina tinham uma contenda suficientemente séria com o Paraguai

que justificasse uma situação de guerra. Eles não desejaram nem planejaram uma guerra com o Paraguai. A guerra não contava com o apoio nem era uma reivindicação popular. Na verdade, a guerra provou ser impopular, falando em termos genéricos, nos dois países, mas sobretudo na Argentina. Mas a necessidade de se defender contra a agressão paraguaia (fosse ela em grande parte provocada ou justificada) ofereceu aos dois países (Brasil e Argentina) uma oportunidade de fazer um “acerto de contas” com o Paraguai, bem como de punir e enfraquecer, talvez mesmo de destruir, um poder emergente e preocupante dentro de sua região.

Considerando-se a enorme disparidade entre os dois lados em termos de tamanho, riqueza e população (e, portanto, em termos de recursos materiais e humanos, tanto reais como potenciais), a Guerra do Paraguai, desde o início, se nos apresenta como uma luta desigual. O Brasil (população de quase 10 milhões, incluindo entre 1,5 e 2 milhões de escravos), a Argentina (população de 1,5 milhão) e o Uruguai (população de 250 mil a 300 mil) uniram forças contra o Paraguai (população de 300 mil a 400 mil). Em termos militares, no entanto, os dois lados estavam em proporções mais bem equiparadas. Na verdade, no início da guerra (e, pelos menos, durante o primeiro ano), o Paraguai provavelmente tinha, ao menos numericamente, uma clara superioridade militar. Estima-se, muito disparatadamente, que o Exército Regular paraguaio tinha entre 28 mil e 57 mil homens, mais os reservistas (entre 20 mil e 28 mil) o que significa dizer que, virtualmente, toda a população masculina adulta estava pronta para combate. Isto deve ser comparado com o Exército argentino de 25 mil a 30 mil homens (dos quais somente 10 mil ou 15 mil estavam disponíveis no caso de uma guerra externa, o que nos mostra o grau de fragilidade da recém-conquistada unidade e estabilidade argentinas); com o Exército do Uruguai de 5 mil homens (se tanto), e o do Brasil, de 17 mil a 20 mil (embora o Brasil também contasse com os corpos policiais das províncias e uma ampla reserva, de até 200 mil homens, na forma da Guarda Nacional.)

Além disso, ao contrário do Paraguai, que tinha que confiar em seu próprio arsenal e estaleiros, os aliados também tinham acesso a armas e navios de guerra fabricados e comprados no exterior, na maior parte na Europa, bem como a empréstimos levantados na *City* de Londres para ajudar no pagamento desse “reforço”. E os aliados, ou seja, o Brasil, possuíam uma superioridade naval absoluta.

Houve, entretanto, uma terceira fase da guerra. López constituiu um novo exército na *Cordillera* a leste de Assunção e liderou uma campanha de guerrilha que, embora limitada, foi bem-sucedida, contra as forças aliadas. Finalmente foi derrotado e teve suas tropas massacradas, em 16 de agosto de 1869, na última grande batalha dessa guerra, em Campo Grande, ou Acosta Nhu. O próprio López escapou novamente. Ele e sua companheira irlandesa, Elisa Alicia Lynch, foram perseguidos, em direção ao norte, pelas tropas brasileiras, por mais uns seis meses, até que López foi finalmente encurralado e morto em Cerro Corá, (que hoje tornou-se em ponto turístico) no lado extremo da região nordeste do Paraguai, em 1º de março de 1870.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A guerra foi, para o Paraguai, um desastre quase que absoluto. No final, ele sobreviveu como um Estado independente. A mais extrema consequência da derrota, o desmembramento total, foi evitada, quanto mais não fosse por causa da rivalidade entre os vencedores. O orgulho nacional dos paraguaios permaneceu intacto, talvez até acrescido. O território foi reduzido em cerca de 40%.

Embora a perda populacional tenha sido grosseiramente exagerada, estimativas mais recentes de 15% a 20% (até menos) de uma população de pré-guerra, estimada em contingente muito menor, ou seja, entre 50 mil e 80 mil mortes, tanto nos campos de batalha

quanto por doenças, constituem percentuais extremamente elevados segundo os padrões de qualquer guerra moderna.

A economia do Paraguai ficou em ruínas, suas bases de produção e de infra-estrutura foram destruídas, seus primeiros passos de desenvolvimento voltados para fora, através de um comércio mais amplo e de uma integração mais estreita com a economia mundial, levaram uma geração ao retrocesso.

Um Paraguai cada vez mais forte e potencialmente expansionista havia sido erradicado da política do Rio da Prata. E, no saldo final, a guerra tinha contribuído positivamente para a consolidação nacional.

## 5. BIBLIOGRAFIA

BENITEZ, J. Apolonio. Testimonios Nodestinos. Asunción. Imprenta Salesiana, 1991

BENITEZ, Luiz G. Manual de História Paraguaya. Asunción. Imprenta Comuneros S.R.L.

CORVALAN, Graziella. La realidad social y lingüística de Asunción, in: *Revista Paraguaya de Sociología*, 27:29 (1990), S. 89-116.

GONZÁLEZ, Natalicio. Proceso y formación de la cultura Paraguaya. Asunción. Instituto Colorado de Cultura. 1976.

MARQUES, ORG. Maria Eduarda C. M.. A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro. Relume-Dumará. 1995